



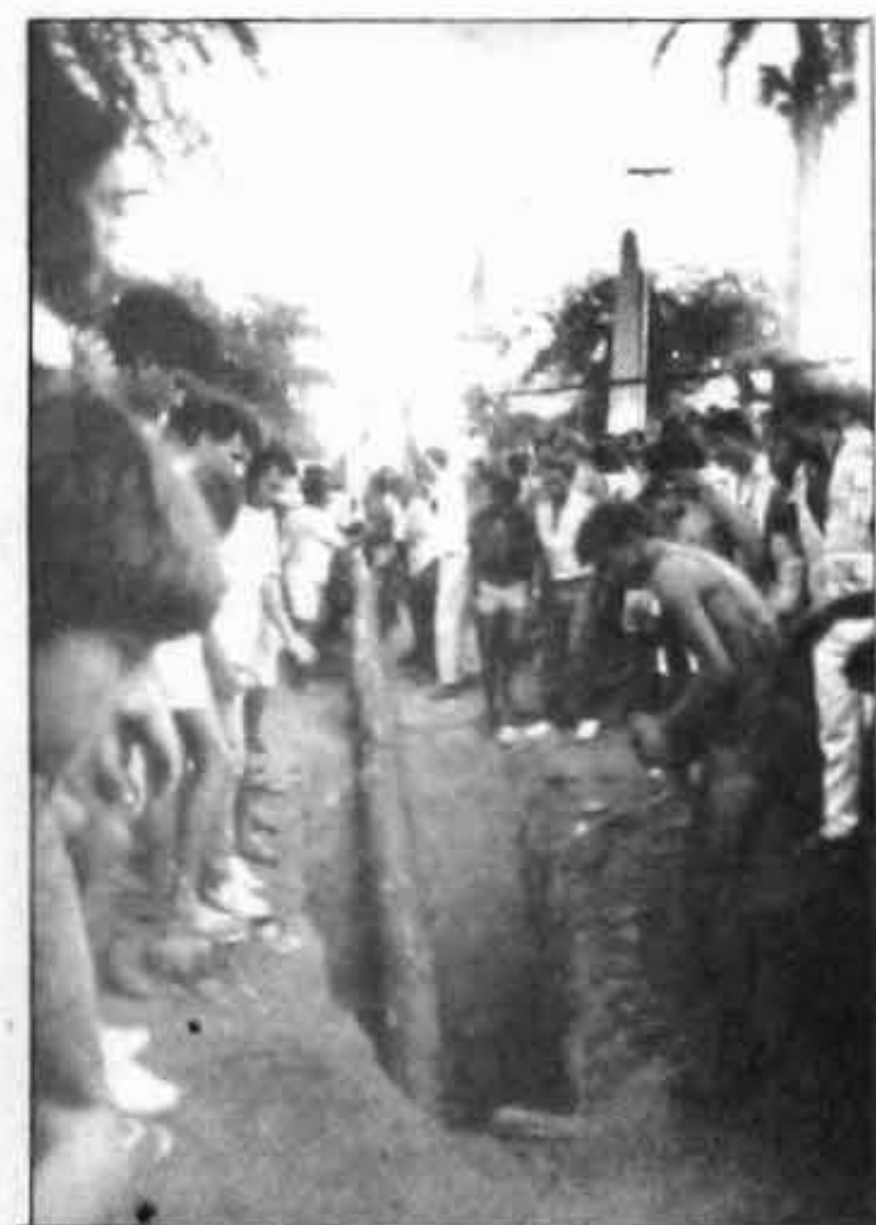
Pau de Santo Antônio

meio e desistiu logo. Como queria de qualquer jeito participar ativamente da travessia decidiu ficar agarrada na pontinha. Foi ficando mas não suportou o balanço da ponta do pau e caiu. Resultado: a turma acabou botando a moça em cima do Pau e levando-a até a igreja.

Mas não é somente de motivos sensuais que se faz a história do Pau de Santo Antônio. Na tentativa de evitar os desastres que ocorrem na descida do Pau, um padre sugeriu certa vez que o melhor seria que um trator fizesse o traslado etc. Houve uma revolta que quase se deixa o vigário impopular. Parte da população alegou que desta forma não haveria o sacrifício religioso e os demais participantes da festa ficaram furiosos com a ameaça do motivo maior da bebedeira que é o mela-mela de cachaça com terra e, principalmente, a emoção de levantar o pau e baixá-lo quando cansados.

REAQUECIMENTO DO FOLCLORE

Um dos aspectos mais interessantes que o Pau da Bandeira tem possibilitado à festa de Santo Antônio é o reaquecimento do folclore. A cada dia cresce a integração de grupos regionais das



A penetração lenta no solo excitado da Praça da Matriz



Com três "tesouras" e um cabo de aço, os homens levantam o Pau do Santo

mais distintas manifestações artísticas. Os barbalhenses estão cientes de que não é apenas bebendo, comendo, rezando ou carregando um pau nas costas que se faz uma verdadeira festa de padroeiro e, ao lado da alegoria do Pau do Santo, os artistas populares têm conquistado a valorização que merecem. Pena que a cidade não tenha ainda um centro de promoção cultural que possa dar melhores oportunidades comerciais aos produtores de arte da região.

A história de Barbalha também tem destaque na festa. Pelos microfones da Rádio Salamanca a crônica de Napoleão Tavares conta que em março de 1778 o fundador da cidade, Francisco Magalhães Barreto e Sá e sua esposa Ana Polucena de Abreu e Lima endereçaram requerimento à Igreja, pedindo licença para construir uma capelinha em louvor a Santo Antônio. Nos rádios da cidade, a voz do locutor esclarece que a licença foi concedida no mesmo mês pelo padre Manoel Antônio da Roxa.

"Na véspera do Natal de 1790 foi dada provisão para benzimento da capela, cuja construção durou nada menos de 12 anos. Quem a benzeu foi o pároco de São José dos Cariris Novos (hoje Missão Velha), padre André da Silva Brandão. A capelinha primitiva foi erigida no local onde hoje fica o altar-mor da atual Matriz de Santo Antônio. Assim sendo, há 197 anos foi plantada a Festa de Santo Antônio (atualmente dirigida pelo padre Renato Simoneto). Não há como negar, é uma festa bem plantada, suficientemente sedimentada no

cômputo dos dias e na consciência do povo..."

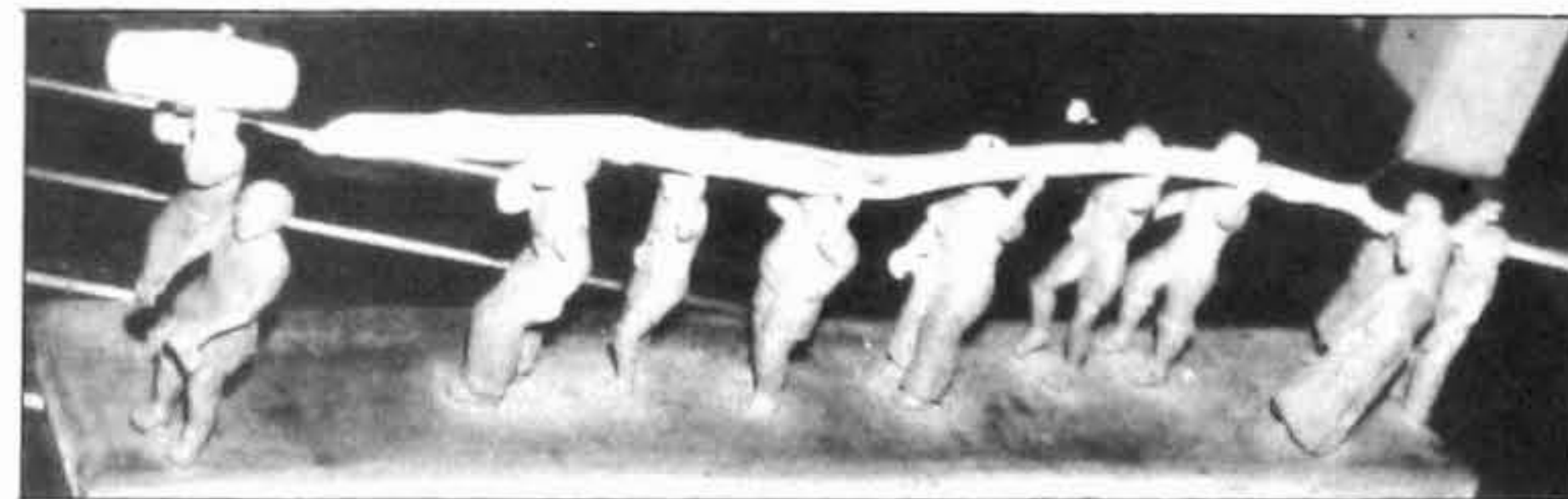
SOBRE O DONO DO PAU

Santo Antônio nasceu em Lisboa (1195) e era um daqueles nobres cheios de regalias e luxos diversos que um dia jogou tudo isso fora para lutar pelos pobres. Seu nome de registro é Fernando Martini Bulhões. Em 1219 ficou conhecido como Cônego Fernando Martini, após ser ordenado em Coimbra. Depois recebeu o nome de Antônio de Lisboa, caracterizado por sua ação franciscana missionária e a ideia de morrer pela verdade de Deus.

Por sua coragem de falar e condenar até mesmo bispos e autoridades eclesiásticas que viviam em mordomias às custas do comércio da fé, foi chamado de "Martelo dos Hereges". Morreu em 1231 e, um ano após, o Vaticano declarou ao mundo sua santidade (possivelmente para ganhar ou manter o poder político da Igreja junto ao Estado Português, já que o pai de Santo Antônio era Governador de Lisboa).

A partir daí o mundo ocidental recebeu a imagem desse homem de discursos inflamados na defesa dos pobres e injustiçados com o nome de Santo Antônio de Lisboa que, por ter atuado em Pádua, na Itália, ficou como Santo Antônio de Pádua e, pelos reclames de sua história muitos fiéis adotaram outras formas de denominá-lo, entre elas, Santo Antônio Caminhante e Santo Antônio dos Pobres. Em Pitaguri, no pé da Serra da Aratanha, os cearenses o conhecem como Santo Antônio do Buraco.

Apesar de em suas biografias ele apa-



A arte popular e o registro em madeira do evento-mor de Barbalha



Depois de ereto um dos carregadores sobe para batizar a bandeira

recer como um dos santos que mais abalaram a história da Igreja, no Brasil ele só conseguiu adquirir a fama de casamenteiro. O desconhecimento sobre sua ação pastoral fez com que o povo criasse um grande folclore em torno do seu nome. Foi essa crença popular que tratou de torná-lo o santo das solteirinhas desesperadas e, conseqüentemente, o Pau da Bandeira de sua festa religiosa herdou toda a sensualidade e malícia inerente a cultura ensolarada nordestina que a sombra política brasileira (causada pelo monstro da administração pública selvagem) insiste em deixar rachada ao solo agreste da barragem seca do esquecimento.

Pau da Bandeira
Que comprimento,
Que sofrimento,
No peito teu,
Triste vens vindo,
Eu vou subindo
Desta maneira,
Do mesmo jeito.
Que sofrimento
No pobre peito
No peito meu
Pau da Bandeira.

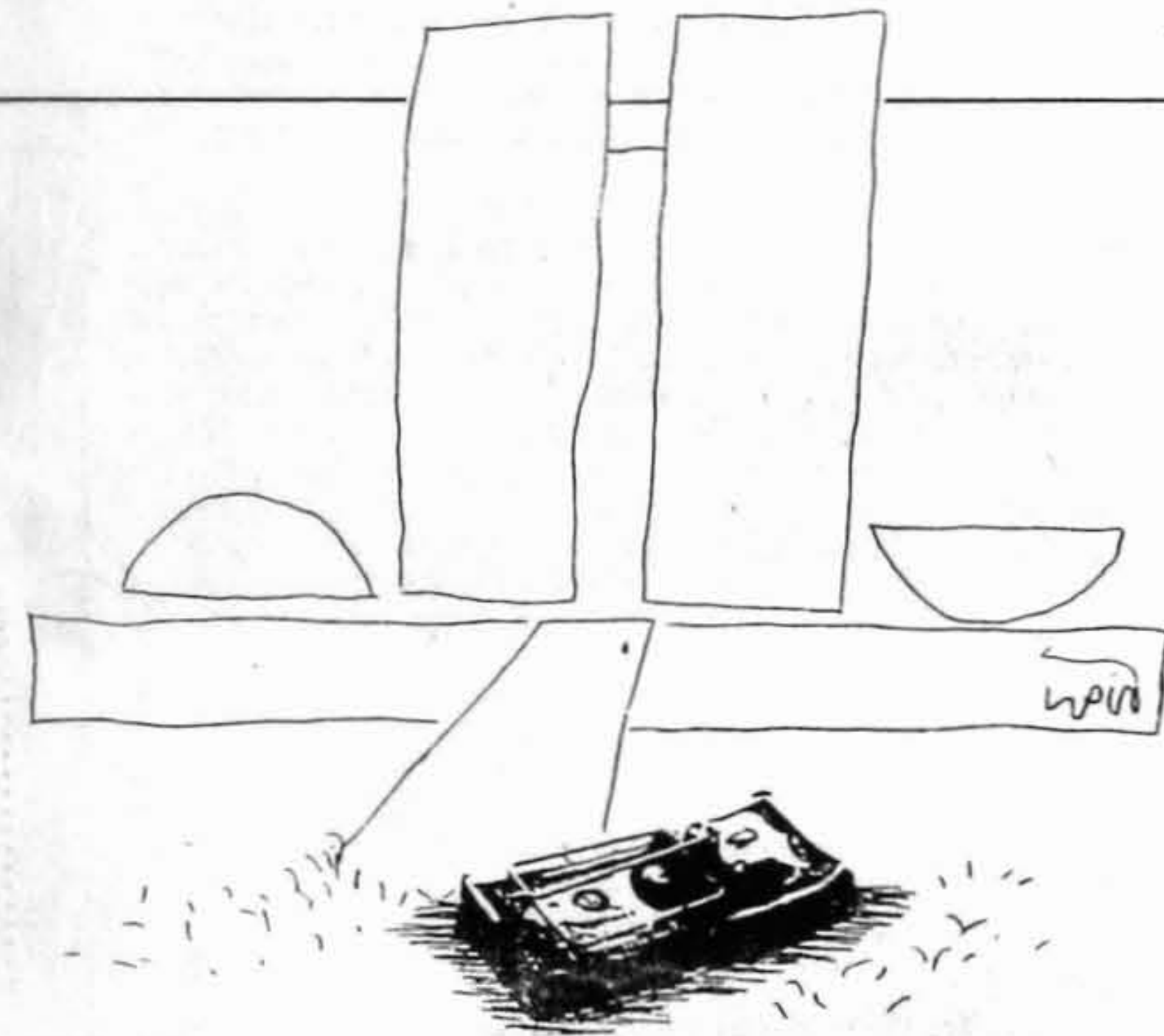
A tua dor, que de espezinha,
A tua dor igual a minha.

Pau da Bandeira,
Ah, te cortaram
Dilaceraram
O peito teu.
Tu vens descendo,
Tu vens trazendo,
Desta maneira,
No coração,
Tua paixão:
Virgem querida
Que é tua vida,
Tua palmeira.

Pau da Bandeira,
Ah, me sangraram,
Dilaceraram
O peito meu.
Eu vou subindo,
Vou conduzindo,
Desta maneira,
No coração,
minha paixão:
A minha amada,
Idolatrada,
Minha palmeira.

A tua dor, que te espezinha,
A tua dor, igual à minha,
A minha dor, do peito meu
Igual a dor do peito teu!

• Este poema romântico-ecológico é um lamento inédito de Marchet Callou, 80 anos, pernambucano que há meio século exerce a profissão de odontólogo em Barbalha. "Encontro" traduz a valorização do binômio homem-natureza que seu autor, ex-professor de História das Américas e do Brasil (sem esquecer as de Trancoso), conseguiu fundir em versos e reversos.



Clecs do Wanke

- Dizemos que a madrugada está alta quando ele já bebeu tanto que cambaleia pelas ruelas tortuosas do luar.
- Em terra de mágicos, é quase impossível manter uma cadabra fechada.
- Quanto mais fortes e pesadas suas penas, mais leve se sente a ave para voar.
- Nem todos entendem de clecs. Ainda bem.

Grafites bai J. H.

- A permanência de um grafite define-se pela sua efemeridade.
- Considere o lugar onde um fenômeno tão importante quanto sua expressão formal. Por isso não há muita chance de aparecer amor numa casa de massagem, poesia no Palácio, arte numa goleira, religião numa missa.
- Se tu tiveres onde se apagar, o que rangar e um spray, estarás salvo.
- I am one good brasileiro.



A linguagem arquitetônica

- Você vem pela BR-116. O calor é intenso. A língua seca e o monóxido de carbono evapora de seu bolso. Na entrada de Jaguaribe você avista um posto para reabastecimento. Uma letra caiu... É osso! Veja a foto.
- Edgar Graeff estará amanhã, a partir das nove horas, ministrando palestra sobre diversos aspectos da linguagem arquitetônica. Será na Escola de Arquitetura da UFC. A promoção é do CACAU.
- Vários fatores influenciam um cliente na escolha de uma instituição bancária. A linguagem arquitetônica é, naturalmente, um dos principais. Para o arquiteto Ricardo Julião uma obra deve transmitir solidez e inspirar confiança ao correntista, sem esquecer os aspectos de funcionalidade. Qualquer toque sobre o assunto é só procurar Eliana Passarelli, da Acesso (011) 814-3169 e 212-7070.
- Do Zóximo: charge sobre o Brasil publicada no Wall Street: um assistente de bancos, na boca do guichet: — Isto é um assalto! — Sorry, mas o Brasil já levou tudo! É crueldade...

Movimento

- A moçada da Utopia está querendo contato: quem quiser participar da revista e do movimento deve escrever para a Caixa Postal, 138 ou Rua Luiz Pedro Pasqua, 847 — CEP 37.800 — GPE-MG.
- Concurso "El Hombre del Campo" (de poesia, conto e fotografia). Informações: Apartado Aéreo 8086 de Bogotá, D.E. I, Colômbia.
- Uma boa pedida para o final da tarde de hoje: Show da Banda Oficial no Parque do Cocó.



A todo pique

- O escritor Gilmar de Carvalho prova que continua a todo pique e que só ainda não é um nome nacional por causa da cerca editorial que separa o sul do País das outras regiões. Brevemente ele estará lançando "Pequenas histórias de crueldade". Com toda a sua leveza, graça, veneno e segurança.
- Enquanto isso, lá em Quixadá, Angélica Nogueira Bezerra segue também sua sina de poetar no sertão dos monólitos. Contato: Museu Histórico de Quixadá-CE.



• Correspondência para Apóstrofo:
Caixa Postal, 4051 — Ag. Benfica — 60.020 — Fortaleza-Ceará.